

Reunidos em Cabo Verde

Os "Cinco" fazem valer princípios que defendem

Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe vão assumir-se como um grupo e procurar fazer valer os argumentos que definem o conjunto dos seus espaços geográficos como «aitamente estratégico» — afirma-se num comentário, divulgado sábado, pela agência portuguesa «ANOP».

Os Governos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, e S. Tomé e Príncipe parecem dispostos a incluir no actual contexto político da cena internacional um dado que, não sendo inteiramente novo, pode ser visto de modo diferente: a institucionalização de um grupo coeso, capaz de fazer da diversidade ideológica e programática armas para impor outras vias para a cooperação internacional.

Estas parecem ser as conclusões mais evidentes da reunião da Comissão Ministerial dos cinco países de expressão portuguesa, que termina hoje na cidade do Mindelo, Ilha de S. Vicente, Cabo Verde.

Nesta reunião cujos principais objectivo são a institucionalização da comissão e respectivas subcomissões, aquele grupo de países assumiu-se pela primeira vez em público como um grupo defensor de interesses comuns que ultrapassem as meras declarações de princípios ideológicos e

a quem só falta uma organização operacional e eficiente.

Tanto o Ministro moçambicano Jacinto Veloso, como o Ministro cabo-verdiano dos Negócios Estrangeiros, Silvino da Luz, se referiram, na abertura da reunião, às vantagens passadas, presentes e futuras da ligação entre os «cinco», mesmo que ela apenas tenha funcionado, depois das respectivas independências, como **solidariedade política** ou sob a forma de **coordenação de actuação diplomática**.

Para o Ministro moçambicano, a ligação entre os «cinco» deu um importante contributo para a vitória na luta anticolonial e poderá no futuro servir a defesa dos interesses do grupo em matéria de cooperação.

— Quando discutimos cooperação com um Estado ou organismo é evidente que para além dos interesses nacionais bilaterais, aparecem também em consideração os interesses do nosso grupo — disse naquela ocasião Jacinto Veloso.

Por seu lado, Silvino da Luz salientou as acções diplomáticas concertadas entre os «cinco» no decorrer das últimas cimeiras dos Não-Alinhados e da OUA, adiantando que essa concentração não tinha passado despercebida aos observadores internacionais.

A reunião, que decorre em S. Vicente, foi classificada como **sobretudo virada para o sector económico** e como uma reunião executiva das decisões da terceira Cimeira dos Chefes de Estado dos «Cinco», realizada em Setembro de 1982, na Cidade da Praia.

Contudo, o aspecto político desta conferência não pode deixar de ser salientado, sobretudo se forem consideradas as inevitáveis pressões para que a ligação deste espaço geográfico e económico não se realize numa perspectiva de operacionalidade.

A discreção com que tudo se tem processado em torno da reunião pode ser significativa de tais pressões, mas os objectivos que lhe foram propostos demonstram por outro lado, que os «Cinco» estão dispostos a fazer da unidade programática um meio para atingirem o que consideram nesta altura o seu objectivo imediato: a construção das suas independências económicas.

Não é um objectivo fácil de conseguir, assim como a unidade programática não será facilmente alcançada, mas de qualquer maneira é evidente, da parte dos participantes na reunião, por um lado, a consciência de todas essas dificuldades e por outro, uma certa determinação em as ultrapassar.

A principal dificuldade residirá na articulação de mecanismos que façam funcionar os mecanismos de coordenação multilateral, já que, na sua maioria, todos os Governos representados na reunião têm problemas internos de organização, cujas dimensões ainda nem sequer estão devidamente avalladas.

Contudo, uma certa complementariedade, que o conjunto apresenta, pode propiciar os mecanismos mais simples, se, entretanto, certas diferenças de carácter ideológico não se interpuserem na máquina administrativa, que é necessário montar.

Fontes próximas da reunião de S. Vicente asseguram, contudo, que tais diferenças não são importantes, porque têm, no fundo, uma base comum e, que a diversidade de opiniões poderá, ao contrário estimular uma mais rápida aproximação.